

## Peniche em 1634

**João B. Serra\***

Em 1622, o rei Filipe IV incumbiu um jovem cosmógrafo de elaborar um roteiro completo das costas dos seus reinos de Espanha e Portugal. Para cumprir este encargo, não bastaria efectuar uma compilação das informações disponíveis sobre os portos e cidades mais importantes, seria necessário realizar observação directa e local. Tarefa gigantesca que se considerou dever ser executada com um critério unitário, motivo pelo qual foi atribuída a um único especialista.

O resultado da empresa tinha sido considerado perdido, esbatendo-se a própria autoria. Descoberto recentemente na Hofbibliothek em Viena, verificou-se que o trabalho tinha sido elaborado pelo cosmógrafo português Pedro Teixeira, nascido em Lisboa em 1595 e falecido em Madrid em 1662.

Até agora, Pedro Teixeira – que trabalhou para Filipe III e Filipe IV, ao longo de quatro décadas – era sobretudo conhecido pela autoria do mapa da cidade e das instalações da corte de Madrid de 1656 (*Mantua*

---

\* Historiador

*Carpetatorum*). Membro de uma família de cartógrafos, filho de um cosmógrafo-mor, neto de um chanceler-mor do Reino de Portugal, e irmão de outro cosmógrafo, Pedro Teixeira realizou, desde 1618, levantamentos cartográficos importantes como a dos estreitos de Magalhães e São Vicente e outras missões de reconhecimento em Itália, França, Gibraltar, Norte de África, e naturalmente, em Espanha.

O atlas da costa e portos dos Reinos de Espanha e Portugal é um documento valiosíssimo, tanto no plano da informação geográfica, como no plano iconográfico. O seu autor deslocou-se ao longo do território peninsular, a cavalo por terra e de barco por mar, efectuando observações minuciosas, medições e cálculos geométricos e matemáticos. Trata-se de uma obra monumental, que em 2002 foi editada em San Sebastian, pela Editora Nerea, sob a direcção de Filipe Pereda e Fernando Marias ( *El Atlas del Rey Planeta: la " Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos" de Pedro Teixeira, 1634*).

### **Peniche no Atlas de Pedro Teixeira**

O troço da costa portuguesa é objecto de 18 peças desenhadas. A região hoje correspondente à região Oeste contribui com 3, o que diz bem da posição privilegiada que ela detinha no espaço marítimo entre a Figueira da Foz e Lisboa. Pedro Teixeira dedicou especial atenção à Pederneira, a

Salir e a Peniche. No manuscrito que acompanha as pranchas cartográficas refere-se também à Lagoa de Óbidos.

O mapa de Peniche, que aqui se reproduz, confirma a especial configuração do território de Peniche, uma península que a preia-mar frequentemente devolve à condição de ilha. E identifica um conjunto de elementos topográficos, geográficos, urbanísticos e patrimoniais que importará integrar criticamente na história de Peniche, o que certamente os seus competentes investigadores não deixarão de fazer. Não sendo o meu caso, aqui me limito a enumerar esses elementos: a povoação de Atougua, um Areal e uma Lagoa, a Baía de Camboa e a Vila de Cima, as Salinas, o Mosteiro de Santo António e a Plataforma.

Acompanha a prancha “Puerto y Vila de Peniche” uma descrição que aqui apresento, em tradução e adaptação à grafia portuguesa actual:

*Chama-se este porto Peniche pelo nome de península, por ser quase ilha, comunicando-se com a terra firme só por uma estreita garganta de areia que na preia-mar de cobre de água e permanece de todo o modo ilha. A sua forma é toda circular e terá de circuito uma boa legua. A vila está situada da parte do meio-dia, onde com a terra da ilha e a praia da enseada se faz uma curva que tem um molhe para o abrigo dos barcos. A vila é de grande população e de muito negocio, pelos muitos navios que os naturais têm e pela defesa e segurança que lhe faz um castelo que, na dita parte do meio-dia, está fundado com 6 peças de bronze, grossas, que*

*defendem tanto o porto como a enseada, onde dão fundo alguns navios com doze e nove braças. E a parte do setentrião desta ilha faz ela com a terra outra enseada que chamam baía de Camboa, onde desembarcou a gente da armada de Inglaterra que trouxe Dom António o ano de quinhentos e oitenta e oito. E entre a ilha e a terra pelo braço de mar que o divide há umas salinas que carregam o sal em grande quantidade. Desta ilha ou península duas leguas a noroeste estão as Berlengas que são três ilhas, uma grande e as duas pequenas. A grande é alta e nela há uma fonte de água doce e há muita lenha que a ela vêm fazer muitos navios de corsários, dando fundo num carreiro que a ilha tem da parte do meiodia com quatro e cinco braças.*

Nota: braça marítima=8 palmos (cerca de 1,76 m.)

João B. Serra

([www.cidadeimaginaria.org](http://www.cidadeimaginaria.org))